

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

À guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribuições e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo "crescimento econômico" nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de "desenvolvimento" e "progresso" sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Apreensões, U Thant e Kofi Annan

Artigo 12, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Nov 2006

Num célebre e ousado discurso em 1969, U Thant (birmanês, viveu de 1909 a 1974, dois mandatos como Secretário Geral da ONU, 1961-71) manifestou toda sua apreensão:

"Não desejo parecer excessivamente dramático, mas pelas informações de que disponho como Secretário Geral, só posso concluir que os membros das Nações Unidas dispõem talvez de dez anos para controlar suas velhas querelas e organizar uma associação mundial para sustar a corrida armamentista, melhorar o ambiente humano, controlar a explosão demográfica e dar às tentativas de desenvolvimento o impulso necessário. Se tal associação não for formada dentro dos próximos dez anos, então será grande o meu temor de que os problemas que mencionei já tenham assumido proporções a tal ponto estonteadoras que estarão além de nosso controle."

Quase 40 anos depois, ouvimos a inquietação de Kofi Annan (ganês, nasceu em 1938), atual Secretário Geral da ONU, expressa neste 15 de Novembro ao criticar "a preocupante falta de liderança" no combate ao aquecimento global:

"... (peço) que as ações sobre as mudanças climáticas entrem na lista das mais altas prioridades de todos os governos ao redor do mundo."

A mensagem é clara. A mudança climática precisa estar ao lado de

preocupações como a pobreza, os conflitos e a proliferação de armas, que têm tradicionalmente monopolizado as principais atenções da esfera política.

A questão não é mais se há uma mudança no clima, mas se a humanidade vai conseguir mudar rápido o suficiente para responder a esta emergência. Hoje em dia mesmo cientistas tradicionalmente mais cautelosos já dizem que o aquecimento global está quase chegando a um ponto sem volta; apenas alguns céticos radicais ainda levantam dúvidas sobre os fenômenos de mudança climática.

Eles têm que ser vistos pelo que são: pessoas em descompasso com as tendências atuais e com o próprio tempo. Gente demais ainda percebe a mudança climática como apenas um problema ambiental, quando (na verdade) trata-se de uma questão de dimensões bem maiores.

É uma ameaça à saúde (a questão climática), já que temperaturas mais altas podem favorecer a disseminação de doenças como a malária e a febre amarela e podem colocar em risco os suprimentos de comida do mundo, destruindo plantações e pastagens.

A mudança climática também é uma ameaça à paz e à segurança. Mudanças nos padrões de chuva, por exemplo, podem aumentar a competição por estes recursos e provocar potenciais tensões e migrações altamente desestabilizadoras."

Sucessão de espécies

Artigo 13, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Nov/Dez 2006

"Que mata bonita, aquela lá no fundo! Daqui, parece mata antiga, original...", observei.

"Que nada!" me responde o matuto. *"Faz 17 anos era tudo pasto. O dono tinha emprestado pro irmão, que foi lá e tirou toda a mata, pôs fogo e meteu pasto. Quando o dono voltou e viu, não deixou mais ninguém entrar nem mexer lá."*

Olhei então com admiração ainda maior, quase reverência, pois percebi ali uma beleza profunda, imensa, silenciosa.

Já conhecia o princípio, o conceito, e o aplicava no paciente trabalho de recuperação de meu próprio sítio, um sonho antigo, recém-adquirido.

Quando o comprei, quase todo ele era um pasto ressequido, a terra exaurida pelo pisoteio do gado e pela plantação exaustiva de milho e forragem. Nenhuma edificação, dois capões de mata a quebrar a monotonia desolada do estrago. Mas havia água, dois pequenos lagos. *"Perfeito!"* pensei animado, quando me resolvi a comprá-lo, por estranho que pareça. *"Tudo por fazer!"*

Lá se foram dois anos de estudos, pesquisas, reuniões e consultas, até que ficasse claro o que eu queria fazer e como o faria. O plano geral e o projeto foram apresentados ao DEPRN e a licença ambiental foi concedida, acompanhada de elogios: *"Quem dera todos fizessem assim..."*, tive a honra de ouvir.

Já se vão seis anos e pouco, no total. Fiz questão de registrar toda a evolução, cada intervenção documentada e fotografada para comparação e acompanhamento.

O princípio a que me referi é simples, quando compreendido. Vejamos.

A Terra é o suporte para toda a vida que conhecemos (meus estudos pessoais me levam a conceber a vida como *expressão, fruto* do planeta, o que me faz concordar com a tese de James Lovelock, a Hipótese Gaia) e é em sua fina casca, coisa de 20 Km de espessura, que a vida se desenvolve e se mantém.

O que chamamos de "solo" é uma camada muitíssimo mais fina, que dá suporte ao mundo vegetal de que todos dependemos, sem exceção.

Pois assim eu instruí a rapaziada: *"aqui a gente roça e deixa. Roça de novo e deixa, sempre. Nada de queimada, nada de 'terra limpa', nem gado. Ah, e nada de adubo químico"*.

Na terra arrasada, os nutrientes estavam bem ali mesmo, porém, ainda imobilizados naquilo que era o resto de antigas rochas decompostas, o "solo". Tratava-se de torná-los disponíveis e o princípio é este: há plantas rústicas capazes de fazer o trabalho pioneiro de ocupação, impossível para plantas mais "evoluídas". Estas depois finalmente conseguem se instalar, mobilizando mais nutrientes para outras plantas, "superiores" a elas. E assim por diante.

Chama-se "sucessão de espécies", o processo. É a história da vida na Terra.